

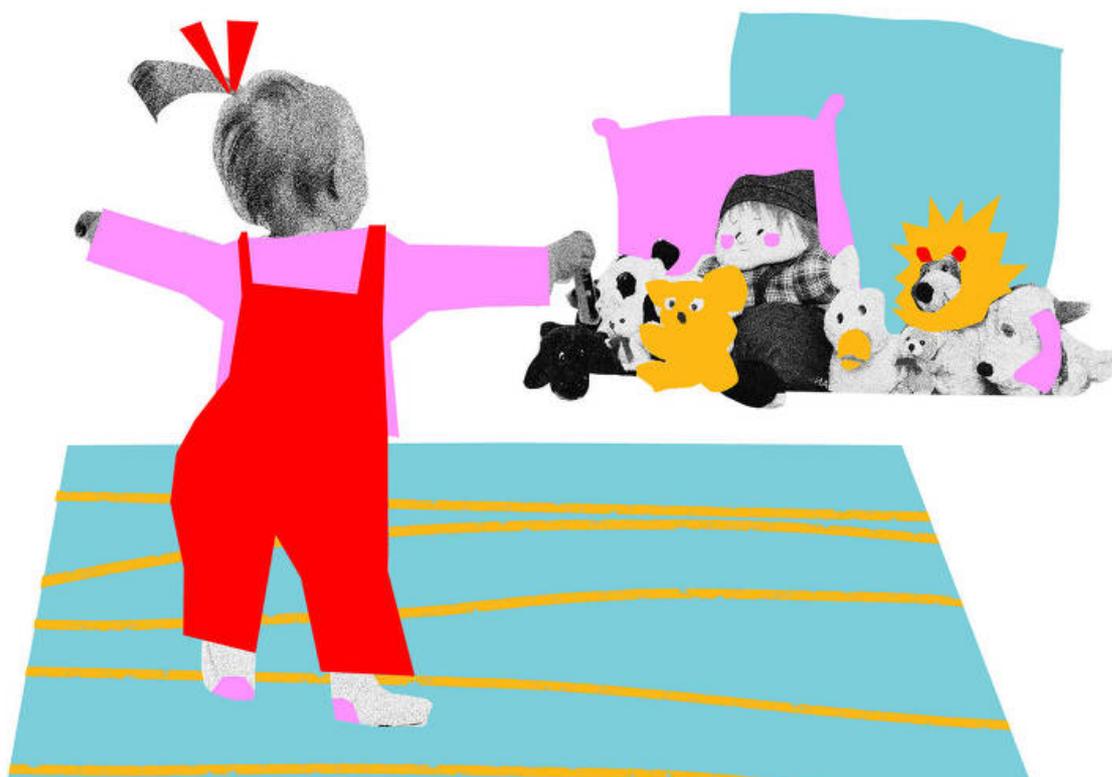
Fim do teatro

Jun era festa e família, atleta e boêmio, diurno e noturno

Gregorio Duvivier

Folha de S. Paulo, 25.12.19

Não só saudável no sentido de saúde e de taxa de colesterol, embora talvez fosse. Saudável no sentido da família mais linda e do sorriso mais calmo. Jun era festa e família, atleta e boêmio, diurno e noturno, mestre e parceiro, pequeno e gigante, parecia de outro planeta.



Catarina Bessel/Folhapress

Jun Igarashi fazia você gostar de musculação —e por “você” eu quero dizer qualquer um. Tinha a calma e o carinho de quem nasceu pra dar aula. Acolhia toda sorte de sedentários e vagabundos que nas suas mãos e da Lu, sua mulher e sócia, se descobriam atletas natos, e amigos de longa data.

Tentei dormir de novo pra acordar percebendo que era um pesadelo. Não era. Minha filha chorava e queria ver o primo —tintim, tintim. Levo ela pra casa da minha irmã, e que bom nessas horas ter uma irmã.

Chegando em casa percebo que tinha deixado o celular no Uber. Consigo ligar pro motorista que diz que achou um celular no chão mas a passageira disse que era dela. Maldita. Onde a passageira ficou? No Copacabana Palace. “Comentou que tinha ido entregar presentes pro jardineiro do hotel.”

Vou pro hotel à procura do meu celular, com as informações: senhora, presentes, jardineiro.

Na recepção do hotel, me avisam que dona Lúcia já foi embora, mas que certamente pegou por engano. D. Lucia. Ela atende. Sou o dono do celular. Ah, peguei por engano. Ufa. Consigo reaver meu celular com D. Lucia na Gávea e descubro que o enterro é às 14h no Caju. Pego carona com amigos —João, Maria, Alice. Começa a cair um temporal.

O Rio inunda em poucos minutos, e de repente é fevereiro. Passamos algumas horas ilhados —falando dele. A mania de gargalhar sozinho sem explicação. O gosto musical heterodoxo. De repente estamos chorando mais que o céu. Chegamos ao cemitério encharcado de pessoas com o rosto alagado. A bochecha de cada um parece a praça da Bandeira.

Chego em casa e minha filha está no centro da sala. Sento no sofá que logo percebo que é uma plateia. “Vai começar o teatro”, ela diz. Minha mulher e eu batemos palma e ela agradece. “Obrigado.” Pronto. “Fim do teatro”, ela diz. Então ela repete: “Vai começar o teatro”. Batemos palma e ela agradece. “Fim do teatro.” E assim por diante.

Não faz o menor sentido. Mas a gente chora, porque toda a brevidade da vida humana estava contida na peça de teatro da minha filha.

Gregorio Duvivier

É ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos.